

LITERATURA E MODO DE VIDA: ESCRITORAS DO LITORAL NORTE E AGRESTE BAIANO

Vanessa Silva Paz¹

Resumo: Sabemos que a literatura possui um importante papel na formação das pessoas e que as obras literárias são fios condutores de múltiplos saberes nas relações interpessoais com o mundo. Diante disso, este artigo visa refletir acerca do processo formativo de mulheres autoras, pertencentes à região de identidade Litoral Norte e Agreste Baiano, no tocante, a saber, como estas mulheres têm se tornado escritoras, como fazem para produzir, o que motiva, o que age como impedimento, como lidam com outros afazeres, enfim qual o lugar da literatura em suas vidas? Para isso, essa reflexão irá valer-se dos depoimentos compartilhados de quatro autoras dessa região que participaram de uma mesa em comemoração ao Cinquentenário de Letras do Campus II da Universidade do Estado da Bahia, localizada na cidade de Alagoinhas, no dia oito de setembro, em modo remoto, sob título “Literatura e autobiografia,” coordenada pela Professora Dra. Jailma dos Santos Moreira Pedreira. A saber, as autoras são: Emilly Moreira Ouriçangas (BA), Fernanda Paim Inhambupe (BA), Luana Cardoso e Luana Calasans Alagoinhas (BA). Para auxiliar nessa discussão, contamos com o apoio de pesquisadores, teóricas/os como: Jailma Moreira (2016), Regina Dalcastagnè (2013), Conceição Evaristo (2020), Delleuze e Guattari (1977) dentre outros/as. Portanto, esperamos, com essa pesquisa, refletir sobre o lugar da literatura na vida dessas escritoras, buscando melhor

¹ Mestranda em Crítica Cultural, Linha de pesquisa Literatura, Produção Cultural e Modo de vida pelo Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural na Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas (BA). Graduada no curso de Letras, Língua Francesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (2019). Orientadora: Jailma dos Santos Pedreira Moreira. Endereço eletrônico: nessalaura2013@gmail.com

compreender os impasses que dificultam o processo de tornar-se escritora no Nordeste, na Bahia, bem como as estratégias que estas autoras criam, tanto para produzir, como para resistir aos entraves do percurso. Esperamos também saber quais as forças mediadoras e que políticas poderiam emergir desse processo, além de, por meio dessa escuta sensível das falas das autoras, perceber quais sentidos estas mulheres acabam produzindo para a literatura e para si.

Palavras-chave: Literatura. Autoria feminina. Modos de produção e de vida.

INTRODUÇÃO

Como é difícil para nós pensar que podemos escolher tornar-nos escritoras, muito mais sentir e acreditar que podemos!

(Anzaldúa, p.230, 2000.)

A literatura é uma encruzilhada de tráfego constante onde vidas reais e fictícias cruzam-se em trilhas atemporais. É o lugar em que se trata, sobretudo, dos assuntos que rodeiam a vida humana de acordo com seu tempo, lugar, realidade etc. Por muito tempo, a arte de escrever e fazer circular a literatura pertenceu aos homens brancos servindo como um artefato do patriarcado tomado à força, excluindo corpos periféricos quanto à possibilidade da produção literária, a exemplo disso, mulheres.

Ao longo do tempo, essa encruza passou a ser cirandada por mulheres, ao passo que tomadas pelo “*pensar que podemos tornar-nos escritoras*” como nos diz Alzadúa (p.230, 2000) na epígrafe deste artigo, passaram a acreditar na potência de suas vidas quanto sujeitas de criação, protagonistas de suas próprias vivências. Cada mulher que conseguiu libertar-se de um dos tentáculos do

capitalismo, o patriarcado, pôde construir caminhos para muitas outras, que com o tempo pavimentaram com ladrilhos fortes, para que assim pudéssemos usufruir hoje do que entendemos como literatura de autoria feminina.

Um dos fatores que diferencia a escrita feminina subalternizada da escrita de homens é a capacidade de ultrapassar “os limites de uma percepção da vida” como afirma Evaristo (p.35,2020), constitui transpor o olhar sobre si, outras/os e o universo que nos cerca, ressignificando o seu lugar na sociedade como sujeitas de suas próprias vidas e não limitadas pelo patriarcado. Conceição Evaristo é uma dessas autoras de nossos dias que faz da literatura “um lugar todo seu”, porque para a autora apenas um teto não basta.

Para longe dos grandes centros urbanos brasileiros, lugar em que se concentra em escala maior o mercado editorial, onde a literatura de autoria feminina continua a brotar e resistir, re/existem também as escritoras para além dos mesmos, sujeitas da escrita que escrevivenciam em linhas realidades diversas de si, das outras/os sejam eles enredos fictícios ou reais, assim podemos conhecer a literatura de escritoras do litoral norte e agreste baiano, objeto de reflexão neste trabalho.

Dito isso, este estudo visa refletir sobre o depoimento de escritoras do Litoral Norte e Agreste Baiano que participaram da mesa “Literatura e autobiografia” realizada em comemoração ao Cinquentenário de Letras do Campus II da Universidade do Estado da Bahia na cidade de Alagoinhas (BA), em oito de setembro de 2022. Quatro autoras dessa região de identidade participaram da descrita atividade e partilharam suas escrevivências como tecelãs que fazem da literatura seu modo de vida desde a sua formação quanto leitoras à descoberta da escolha em “tornar-se escritora” já epigrafado no início deste trabalho.

Diante do exposto, a primeira sessão deste artigo debruça-se em trazer informações acerca da proposta da mesa às autoras convidadas, bem como informações do objeto de pesquisa da mestranda Vanessa Silva Paz que tem mapeado escritoras do território de identidade Litoral Norte e Agreste Baiano, pesquisa essa que tem sido orientada pela Professora Doutora Jailma dos Santos Pedreira Moreira que idealizou e coordenou esse célebre encontro literário. Na segunda sessão, refletiremos a partir dos depoimentos ditosos das escritoras escritoras Emilly Moreira, Fernanda Paim, Luana Calasans e Luana Cardoso e em ambas as sessões teceremos argumentos à luz de estudiosas/as do campo literário como Evaristo (2020), Dalcastagnè (2013), Moreira (2015; 2020), Deleuze (1977) dentre outros. A partir das reflexões arguidas nestas linhas esperamos contribuir com um novo olhar acerca das escriturências destas autoras seguindo a proposta da mesa “Literatura e autobiografia”.

1 EXISTE LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NO LITORAL NORTE E AGRESTE BAIANO? QUEM SÃO ESSAS AUTORAS?

Os questionamentos feitos no título desta sessão foram o motivo pelo qual esta pesquisa surgiu e foi proposta ao Pós-Crítica/UNEB. Muito se tem discutido sobre a literatura de autoria feminina na contemporaneidade e com os debates e pesquisas tem crescido o número de escritoras como resposta positiva ao incentivo proporcionado pela abertura de caminhos trilhados anteriormente por ilustres mulheres das letras.

Com isso, escritoras além das margens dos grandes centros urbanos têm enfrentado os atravessamentos diversos de suas vidas associados também aos empecilhos do mercado editorial, a pouca ou a inexistência de políticas públicas que incentivem projetos de

literatura nas cidades menores, por exemplo, dentre outros fatores. Elas têm se erguido através das produções, dos desarquivamentos de textos, circulação dos mesmos por meio de dispositivos tecnológicos, redes sociais, por exemplo, e isso partindo muitas vezes do incentivo coletivo e aquilombado de movimentos ou grupos literários, projetos escolares/acadêmicos e etc.

Dalcastagnè (2013) traz dados importantes em sua pesquisa acerca do perfil do escritor brasileiro que em quase cinco décadas é permanece ainda sendo “homem, branco, de classe média, nascido no eixo Rio-São Paulo” como a mesma afirma em sua entrevista dada a Revista Cult (2018). De meados da década de setenta para os dias de hoje é notório que o número de escritoras cresceu e alcançou um determinado destaque, no geral autoras do eixo sul-sudeste, brancas, de classe média, mas e as corpas periféricas ocupam qual lugar nesta cena literária?

Observar para além dos grandes centros as produções literárias de mulheres subalternizadas como as escritoras do Litoral Norte e Agreste Baiano se faz necessário para que assim possamos conhecer além de quem são, tomemos conhecimento dos seus modos de produzir a arte das letras, seus modos de vida como sujeitas de criação.

Esta região de identidade é composta por vinte e duas cidades e até o presente momento do caminhar desta pesquisa, pudemos ter conhecimento de aproximadamente quarenta autoras, sendo elas trinta e quatro com textos publicados na *Antologia Poética Bardos Baianos pela Editora Cogito* (2022) e também associadas à Casa do Poeta de Alagoinhas (CASPAL). As outras seis foram indicadas por outras escritoras da região sendo que dentre estas quatro foram convidadas a participar da mesa “Literatura e autobiografia” no evento em comemoração aos

cinquenta anos do curso de Letras no campus II da UNEB, Alagoinhas (BA).

A saber, as autoras são: Emilly Moreira, Ouriçangas (BA), Fernanda Paim, Inhambupe (BA), Luana Calasans e Luana Cardoso, ambas de Alagoinhas (BA). A mesa em questão foi proposta pela Professora Dra. Jailma dos Santos Pedreira Moreira em comemoração ao evento do Cinquentenário de Letras, Campus II/UNEB no modo remoto que ocorreu no canal do Pós-Crítica/UNEB no *Youtube* em oito de setembro de 2022. As quatro escritoras em questão dividiram suas experiências no campo literário, bem como suas reflexões acerca da temática proposta pela mesa.

Trazer estas escritoras à mesa permite-nos não apenas conhecê-las quantas pessoas, mulheres, mas também quanto personalidades da escrita na referida região. Nesta fase da pesquisa não se fará análise sobre os textos produzidos pelas mesmas, pretende-se mapear ou pelo menos tentar, considerando os atravessamentos diversos que já se apresentam como, por exemplo, percorrer o território para investigar, deslocamento, transporte, contato e etc.

Se considerarmos o que Deleuze e Guattari (1977) chamam de “literatura menor”, compreendemos a importância da escrita destas escritoras porque em suas escritas trazem as realidades ou que estão inseridas ou nos apontam outras observadas por elas ao seu redor, confirmando a segunda característica das literaturas menores em “que nelas tudo é político.”. Outro importante fator é que o movimento de re/existência delas contribui para que outras possam descobrir-se escritoras, o “tornar-se”, como nos aponta Anzaldúa (p.230,2000) em *Falando*

em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo:

Como é difícil para nós pensar que podemos escolher tornar-nos escritoras, muito mais sentir e acreditar que podemos! O que temos para contribuir, para dar? Nossas próprias expectativas nos condicionam. Não nos dizem a nossa classe, a nossa cultura e também o homem branco, que escrever não é para mulheres como nós?

Embora o mundo capitalista e patriarcal ainda dite “o lugar” que devem permanecer os corpos periféricos no sentido de silenciá-los, escritoras subalternizadas buscam fazer essas ranhuras através de um sistema rizomático aquilombado. Contrapondo o que se entende por cânone, tecem suas literaturas menores ecoando muitas vozes em som uníssono, arrombando a falácia citada acima “que escrever não é para mulheres” que fixa o pensamento de que o espaço literário ainda pertence a homens ou mulheres brancas letradas, com boas estruturas sociais, locais.

Corroborando com o argumento anterior, Moreira (2015) sinaliza que há uma “dúvida” sobre ser ou não escritora ao ouvir depoimentos de escritoras assinalados no ensaio “Reescrita de si: produções de escritoras subalternizadas em contexto de políticas culturais”, sendo isso resultado de um discurso machista que ainda perpassa no imaginário coletivo que como resposta emudece escritoras potentes neste cenário quando Moreira ainda reforça “Não foi à toa que mulheres introjetaram uma imagem de si como não-escritoras, visto que não foi esse o papel predestinado a elas.” Neste sentido, o movimento literário de autoria feminina que ocorrem em locais afastados dos grandes centros de produção e circulação literária, faz-se importante por demarcar o lugar de direito destas fazedoras de literatura.

Dessa forma, entendemos ser importante pesquisar o movimento de escritoras no território de identidade Litoral Norte e

Agreste Baiano, porque através da ciranda literária das possíveis autoras não apenas saberemos quem são, mas também o que e como estão produzindo, os atravessamentos, os enredos, as histórias de vida destas escritoras resistentes no mundo das letras, bem como saber de certa forma quais as temáticas abordadas em suas tessituras.

2 MESA LITERATURA E AUTOBIOGRAFIA: A ESCRITA COMO RE/DESCOBERTA DE SI

Me despi para escrever meus versos. Fui me descobrindo a cada palavra.

(Lia Ferreira, 2022, p.59.)

Para a mulher que escreve o processo de re/descoberta de si através da escrita e da literatura depende unicamente da realidade em que cada uma está inserida. Como a escritora alagoanense, Lia Ferreira, traz nos versos da epígrafe, é preciso um despir-se para que haja a “transformação de um ser” e muitas vezes esse movimento que parece sutil, pode não ser fácil porque escrever é, sobretudo, desnudar-se para quem lê, é retirar as camadas sobrepostas de si, implantadas por milênios de silenciamento e patriarcado.

A metamorfose muitas vezes é solitária e pouco compreendida por causa do imediatismo do olhar. Romper a crisálida, sair do estado de lagarta para a obter novo corpo e poder voar, muitas pessoas apenas admiram a fase final da transformação, mas e o processo? Como a literatura entrou nas vidas dessas mulheres? Quando se perceberam escritoras? Qual sentido as mesmas atribuem à literatura? Perguntas como essas foram direcionadas as autoras convidadas a participarem da mesa “Literatura e autobiografia”.

Cada uma ao compartilhar a trajetória do “tornar-se” escritora, permitiu-nos então, ter conhecimento acerca do processo individual delas, partilhas que se aproximavam em alguns pontos e, também, diferiam-se ou afastavam-se em outros. No depoimento de todas as autoras o que podemos notar foi no tocante a importância da motivação da família, da escola e da biblioteca escolar ou municipal, como se dá nos relatos. Tudo passou a brotar a partir do contato com a literatura na infância e adolescência, ou seja, a literatura infanto-juvenil foi muito importante para a formação quanto leitoras em suas vidas, o que nos faz lembrar o que Bettelheim afirma no tocante a essa tão importante fase da vida humana em seu estudo sobre os contos de fadas:

Exatamente porque a vida é frequentemente desconcertante para a criança, ela precisa ainda mais ter a possibilidade de se entender neste mundo complexo, com o qual deve aprender a lidar. A criança encontra este tipo de significado nos contos de fadas (BETTELHEIM, 2005, p.5)

É na passagem da infância à adolescência em que a metamorfose da vida começa no corpo feminino, na personalidade, na constituição quanto pessoas, mulheres, seres no mundo, e justamente nessa fase tão importante da vida, essas tecelãs das letras tiveram apoio familiar, escolar o que corroborou com o gosto pela literatura e influenciou a constituição delas quanto escritoras, isso embora elas não se percebessem assim como notamos nas falas de que não se enxergavam escritoras porque para ser uma seria necessário ter ao menos um livro publicado e conhecido.

Essa dificuldade de enxergar-se escritora parte de uma ideia fixa no imaginário coletivo que endeusa escritores do cânone e também acerca do papel da vida doméstica atribuído à mulher como nos aponta Moreira (2015) “Assim, as mulheres, de uma forma geral, em contraponto ao atribuído/concebido para homens,

foram excluídas do campo da produção, foram definidas como sujeitos que não pensam”. Na formação escolar nas disciplinas de literatura, por exemplo, a possibilidade de tornar-se escritora não foi trabalhada por parte dos docentes segundo o relato das convidadas.

Emilly Moreira, mulher negra, residente no povoado da cidade de Ouriçangas, graduanda no curso de Letras/francês na UNEB/Alagoinhas, reforça que “Não me percebia escritora, apesar de escrever na infância e na escola. Ninguém me dizia que eu era escritora. Os professores não falavam para a gente que somos ou temos a possibilidade de ser”. A autora relata que seu pai comprava cordéis e que ela lia com sua irmã em voz alta ou ficava atenta a leitura de sua irmã e que isso motivou seu primeiro cordel ainda no ensino médio em um concurso literário. O impulso foi levado à graduação e desde então tem se visto escritora e diz pretender continuar escrevendo e pensa em publicar.

Fernanda Paim, mulher negra, de Inhambupe, hoje morando em Alagoinhas, graduanda também do curso e Letras/francês na mesma instituição, conta que num hábito passou a rimar palavras em sua escrita, que tudo que escreve está impregnado de si. Ela nos conta que a literatura permitia abrir portais para mundos paralelos e diferentes da realidade que vivia o que nos lembra Evaristo (p.33,2020) quando diz “Depois chegou a fase da adolescência, e hoje penso que se eu não escrevesse e não lesse intensamente nesse período, talvez tivesse adoecido. E falo adoecer no sentido de procurar outras formas de aguentar, de suportar a realidade.”

Publicou seu primeiro poema sob título “Linda” na Antologia poética do Litoral Norte e Agreste Baiano em 2022, poema este onde a mesma discute sobre a estética do corpo negro feminino na adolescência. Diz pretender caminhar pelas encruzadas literárias.

Luana Calasans, mulher branca, residente na cidade de Alagoinhas, graduada no curso de Letras/vernáculos pela UFBA, conta que seu encantamento pela literatura se deu também no contato com uma “biblioteca equipada, aparelhada e abastecida de livros”. Ao passar a escrever, teve dificuldade em ver-se escritora porque para a mesma “só era escritora de verdade quem publicava oficialmente através de editora”. Na graduação trabalhou com oficinas de produção literária feminina, oficinas de auto-publicação e hoje leva essas atividades como incentivo para a sala de aula unida a outras artes. A sua escrita está carregada de experiências vividas, segundo a mesma escreve mais como uma forma de agrado de si, pois para Luana Cardoso “a literatura é uma das formas de artes mais potentes e transformadoras em sua vida”.

Por fim, Luana Cardoso, mulher branca, enfermeira de profissão, mãe de duas crianças, passou a escrever na adolescência ao notar em um trabalho escolar que tinha facilidade para rimar, compor versos. Na vida adulta, Luana passou ao que ela diz “assumir seu papel quanto escritora”, mesmo que ainda não se visse dessa forma, seguindo o mesmo pensamento das demais que só se torna escritora se já tivesse publicado. Passou a intensificar e amadurecer sua escrita ao associar-se a CASPAL e dessa forma, ver-se escritora. Foi presidente da associação até 2022 onde realizou juntamente com os demais escritores, atividades motivadoras para publicação e concurso de literatura infanto-juvenil. Atualmente em seu romance *Sara*, Luana aborda acerca da violência doméstica contra a mulher.

No tocante ao mercado editorial, as autoras articularam o mesmo parecer de que se é muito custoso, difícil acesso devido à ausência de políticas públicas que incentivem às publicações mesmo em e-book, editoras cobram altos valores diante do proposto pelo mercado. Com isso, elas procuram outras formas de fazer circular suas tessituras, em eventos acadêmicos, nas redes

sociais, em coletivos em que se diminua os custos ao se dividir com outros escritores, como o caso da Fernanda Paim em seu primeiro texto publicado na Cogito (2022) juntamente com outras escritoras do território.

CONCLUSÃO

Diante dos relatos das escritoras participantes da mesa, pudemos notar verossimilhanças em suas escrevivências, suas trajetórias que traçaram os caminhos das letras em suas vidas começando na infância, com a família incentivando a leitura, nas atividades escolares, na possibilidade do contato com bibliotecas, na possibilidade de criar mundos e realidades novas em seus textos ou de abordar os incômodos sentidos ou percebidos no dia-a-dia. A re/descoberta de si através das letras, a quebra das crenças limitantes impostas pelo patriarcado no tocante ao lugar fixado das mulheres ligado aos cuidados domésticos e não ao campo literário. A potência nas vozes dessas mulheres costurados no tecido da memória literária do litoral norte e agreste do estado da Bahia, faz nos perceber a importância não apenas que a literatura trouxe em suas vidas, mas também a grandiosidade de seus movimentos, escolhas no trilhar os caminhos das letras podendo motivar muitas outras a verem que é possível escrever outro enredo para além do dito pelo patriarcado.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ivan de. (organizador). CARDOSO, Luana. (coordenadora). *A transformação de um ser* in *Antologia Poética Litoral Norte e Agreste Baiano*. Salvador (BA): Cogito 2022. p.59

ANZALDÚA, Glória. Falando em Línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista estudos Feministas*, v.8, n.1, p.229-236,2000.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise nos contos de fadas*. Tradução: CAETANO. Arlene. Paz e Terra. 16ª edição. 2002. p. 335

DALCASTAGNÈ, Regina. *Quem é e o que escreve o autor brasileiro*. Entrevista à Revista Cult. 2018. Disponível em <https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/#:~:text=Ele%20%C3%A9%20homem%2C%20branco%2C%20de,e%20moradores%20de%20grandes%20cidades>.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *A literatura menor in Kafka, Por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago Editora LMTD, 1977.

EVARISTO, Conceição. *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosário Nunes: ilustrações Goya Lopes. 1ª edição. Rio de Janeiro. Mina Comunicação e Arte, 2020.

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. Reescrita de si: produções de escritoras subalternizadas em contexto de políticas culturais. Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea, v. 7, n. 13, p. 71-88, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/flbc/article/view/17237/14257>.